

DISCURSO DE AGRADECIMENTO(*)

Ribeiro Ramos

Antes de transpor, há alguns instantes, os largos umbrais desta Casa, à minha mente inquietada acudiu de pronto o ensinamento bíblico: "Batei e abrir-se-vos-á". É que não precisei bater, pois, as portas já estavam abertas, graças à vossa generosidade e extrema fidalguia, generosidade e fidalguia com que sempre acolhestes tantas vezes o visitante amigo, que vinha de longe e aqui chegava ansioso para vos ouvir, aplaudir e louvar.

Vivendo sempre na planície, entre os humildes e os pequenos, preso constantemente aos pesados deveres de uma profissão afanosa mas gratificante, e sempre voltado para os encargos de família numerosa, jamais deixei de acompanhar com carinho a vida cultural do Ceará, cujo centro de irradiação, lá, no alto da montanha, sempre foi a nossa capital, esta bem-amada Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, e cujos pólos principais foram sempre a Academia Cearense de Letras e o Instituto do Ceará, ambas instituições com quase um século de vida gloriosa e fecunda.

Sempre fiz isso com amor — verdadeiro e puro amor platônico — com-
prezando-me, lá de longe, com os vossos triunfos, num cotidiano pontilhado de luz. E esse amor vem de longa distância, vem dos meus venturosos tempos de menino, e quando vim trabalhar na então pacata Fortaleza, de doce vida provinciana, das retretas na Praça do Ferreira e no Passeio Público, das rodas nas calçadas, das serenatas em noites enlouradas, das apreciadas e concorridas tertúlias familiares e dos ruidosos pregões matinais. A Fortaleza, cidade-miniatura de minha juventude, a "loira desposada do sol" do grande poeta boêmio; a mesma Fortaleza do Café Riche e do Art-Noveau, onde se amesandavam os intelectuais da época, falando descuidosamente de arte, de poesia, de literatura; a Fortaleza dos bonds da Light, do Capitão Pirarucu, do famoso Castelo do Plácido, no Outeiro e das areias alvinitentes da Praia Formosa; aquela gostosa e querida Fortaleza, tão bem descrita e lindamente cantada em prosa suavíssima pelo douto Mestre Raimundo Girão, em sua maravilhosa "Geografia Estética", um livro escrito para o coração da gente.

(*) Pronunciado a 15 de agosto de 1980.

Aqui tive por Mestre, em serões noturnos, meu irmão mais velho José Waldo, o mesmo e primeiro mestre de minha infância, de lá, do sítio "Boa-Vista", em minha amada Guaramiranga, terra querida onde nasci. E o mano querido, além de continuar a infundir em meu espírito mal desperto o amor pelos livros e pelas belas letras, ensinou-me a querer bem a esta Academia e ao Instituto do Ceará, onde pontificavam os vultos exponenciais da Literatura, da Ciência, da História e das Artes naqueles idos de 20, honrando as tradições de cultura da Terra Alencarina, tal como o fazeis agora, com muito mais coragem e maior devotamento, numa luta incessante contra o utilitarismo e contra a Tecnologia — os dois maiores e mais terríveis inimigos do Humanismo.

Se é certo, como afirmava eminente pensador oriental, que os mortos guiam os vivos creio que José Waldo, que foi um dos vossos, jamais deixou de me acompanhar os passos, não deixando assim que em meu coração arrefeces-se esse amor, nele próprio sempre tão ardente, tão nobre e tão puro. Se tal coisa acontece sei que seu espírito paira sobre mim neste instante, a fim de que receba dele toda a pujança desse amor, na imortalidade das coisas nobres, imaculadas e santas.

Sr. Presidente Acadêmico Cláudio Martins:

Permiti que eu traga para vossa mente iluminada e para o recesso de vosso coração generoso este pensamento de La Fontaine: — "Pela obra se conhece o artesão". E que ele se adapta perfeitamente à vossa pessoa, no tocante à obra que vindes realizando nesta Casa de Thomaz Pompeu, desde que nela entrastes, pela preciosa colaboração que lhe ofereci a todos os momentos, dignificando-a e engrandecendo-a, e de modo mais profundo e eficiente, na continuidade das tarefas executadas por vossos antecessores como seu atual Presidente.

Sei, por conhecimento próprio, o quanto custa dirigir, nos dias difíceis que estamos vivendo, qualquer instituição que, por sua natureza ou constituição, não oferece ou não pode dar remuneração pelos serviços prestados. Para isso precisa-se ter um alto espírito de renúncia, saber sacrificar-se pelo bem comum, enfim dar-se inteiramente, sem nada desejar ou pedir em troca. E, mais que tudo e com estoicismo, é preciso fechar os ouvidos aos críticos azedos e aos eternos maldizentes, que proliferam em toda a parte, e nascem em todos os cantos, "exuberantes como cogumelos num monturo".

E a única resposta que se tem para tudo isso é o trabalho. É a eficiência da administração. É o devotamento pela causa abraçada. É o amor pela coisa amada, oferecendo-se por ela a própria vida em holocausto, se for preciso, deixando de sacrificar por ela unicamente a honra.

É exatamente isso o que vindes fazendo, como artesão das coisas do espírito, na Presidência desta egrégia Instituição, com o apoio diuturno de vossos ilustres e doutos pares.

Senhor Presidente; Srs. Acadêmicos:

Graças à vossa extrema benevolência aqui nos encontramos para receber o honroso título de Sócio Honorário, que tão fidalgamente nos outorgastes: os eminentes e preclaros Mestres Dr. Paulo Elpídio de Menezes Neto, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará; Ministro José Parsifal Barroso e Dr. Professor Djacir Menezes, ilustre membro do Conselho Federal de Cultura, e eu. Aqui se encontram, agraciados com a Medalha Cultural Thomaz Pompeu a Sra. Albaniza Rocha Sarasate, Sr. Expedito Borges e Compositor Evaldo Gouveia. É para mim, obscuro jornalista sertanejo, honra insigne e ilustre e esplêndida companhia que me destes nesta bela e encantadora Festa da Inteligência, tão magnificamente ornamentada com a graça e o encanto da Mulher Cearense; dignificada pela presença das altas autoridades do Estado; honrada com a presença de vultos primarciais das Letras, do Jornalismo, das Artes, da Ciência e das classes dirigentes, e ainda prestigiada pelas mais altas figuras da sociedade de nossa capital.

Honra maior ainda me foi cometida: agradecer as belas palavras de saudação há pouco proferidas pelo orador oficial desta solenidade, meu dileto amigo Acadêmico Professor Mozart Soriano Aderaldo, um dos ocupantes do Principado da Oratória no Ceará. Faço minhas e endosso todas as palavras do Mestre insigne, no elogio e exaltação dos agraciados desta noite, pela excelcitude e justeza dos conceitos emitidos em torno da personalidade e das altas qualidades morais e espirituais de cada um. Quanto à parte que me diz respeito, eu vos rogo, atentai para a grandeza do coração de Mozart Soriano Aderaldo, já que ele tem o órgão do afeto hipertrofiado pela amizade e pela fraternidade que nele excelem e que são uma decorrência do seu grande amor ao Crucificado.

Obrigado, Sr. Acadêmico Mozart Soriano Aderaldo, Mestre, Amigo, Irmão em Cristo. Muito obrigado por mim e por todos os demais ilustres agraciados!

A noite de hoje é excepcional na já longa vida da Academia Cearense de Letras, e tantos aqui acorreram para celebrar convosco as dulcíssimas alegrias do 86^o aniversário de fundação de nosso Sodalício, uma data que fala não apenas aos corações acadêmicos mas à própria alma *mater* do Ceará, e mãe comum de todos nós, já que em suas gloriosas oito décadas e mais seis décimos de vida esta Academia engrandeceu o Ceará e o projetou por todo este país continental e mesmo além-fronteiras, pela Cultura, pelas Artes e pelas Letras, nos mais altos remígijs do pensamento.

Senhores:

Estamos felizes todos nós pela magna data da Casa de Thomaz Pompeu, que é, hoje, um rico patrimônio do Ceará intelectual e artístico. Ela é resultado feliz de uma conjugação de esforços e do trabalho profícuo de muitos ho-

mens de pensamento ao longo de 86 anos. Louvemos esses admiráveis artesãos, esses maravilhosos ourives da graça, do talento e da beleza, que, ao longo de tantos anos urdiram tantas jóias raras, verdadeiras filigranas que encantam e deslumbram, para ornarem este monumento custoso que é a Catedral das nossas Letras.

Emile Zola, o genial romancista francês, escreveu um dia esta frase lapidar em página luminosa: "Amo as dificuldades, as impossibilidades; amo sobretudo a vida, e acredito que a produção, seja qual for, é sempre preferível ao repouso". Aqui dentro houve esse milagre: todos superaram as dificuldades e afastaram as impossibilidades, e todos amaram a vida, que é a maior dádiva de Deus ao homem; e todos produziram, para a inteligência e para o espírito. Ninguém repousou jamais, fazendo viver a Academia, ontem, hoje, sempre.

Recebi com humildade mas sem esconder o meu temor, a incumbência que me deu o nosso eminente Presidente Acadêmico Cláudio Martins: falar em nome dos agraciados desta noite. E recebi-a não por me julgar à altura da tarefa, já que me falecem os méritos, mas como uma homenagem a Sobral, de que o Mestre erudito é mui digno Cidadão Honorário, e, mais particularmente, como uma encantadora homenagem à Academia Sobralense de Estudos e Letras, que se honra de tê-lo como sócio. Ali faço eu, na medida de minhas fracas forças, há 37 anos, um único trabalho: a interiorização da Cultura; trabalho este que não arrefeceu nunca, mas que, hoje, está sendo comandado pela Universidade Vale do Acaraú, tendo à frente o ilustre Cônego Francisco Sadoc de Araújo, sacerdote de altas virtudes, Mestre dos mais doutos e nosso estimado colega de Academia, que tanto honra o Clero e as Letras do Ceará.

A minha tarefa está cumprida; mal cumprida, é certo, pelo desempenho que lhe dei, mas muito bem cumprida na obediência das ordens que me foram dadas.

Senhor Presidente, Srs. Acadêmicos, seletor auditório:

Dentro de mais alguns momentos estaremos deixando as galas desta festa de aniversário e de recepção, deixando para trás a claridade, a ruidosa alegria e os sons álacres de tantas vozes. O silêncio e a penumbra da noite tomarão conta do salão, onde apenas o eco restará. Levaremos conosco bem impresso na retina a visão deliciosa de tudo que aqui vimos. Vamos todos lá para fora para o bulfício da cidade e para o aconcheco dos nossos lares, enfim para a vida que continua.

Eu desejo vos pedir, a todos vós e a cada um em particular, saiamos daqui levando conosco, gravadas na mente e no âmago de nossos corações estas belíssimas palavras ditas por um homem de Deus, o jesuíta Roque Schneider:

— "Crer é viver. E viver é ser".

E assim, então, o sortilégio desta noite continuará em nós, do mesmo modo que perdurará em nossas almas a felicidade de crer, viver e ser.

Muito obrigado.